



Da imanência à transcendência* : reflexões semióticas

Marcos Rogério Martins Costa[†]

Resumo: Este artigo aborda uma das questões mais interessantes e talvez menos resolvidas da semiótica estrutural de linha francesa: o princípio de imanência. Por meio da discussão das propostas de Saussure (1970), Hjelmslev (2009), Greimas (1966, 1975), Greimas e Courtés (2008), Benveniste (2005), reconstituímos, a partir de três conceitos norteadores, percepção, símbolo e valor, a pertinência e a presença do princípio de imanência no fazer científico da semiótica de linha francesa. Para confirmar e validar a presença do princípio de imanência na teoria semiótica no auge de seus desdobramentos, apresentamos e cotejamos duas propostas teóricas: de um lado, o estudo de Fontanille (2004), que propõe uma concepção de corpo nos estudos do discurso; de outro, o estudo de Zilberberg (2011), que sustenta uma gradação *do* e *no* sentido. No estudo das duas propostas, observamos que o princípio de imanência se sustenta na epistemologia do fazer científico das duas propostas, embora elas possuam pontos teóricos bem distintos com relação à imanência metodológica. A distinção entre imanência metodológica e epistemológica é tomada da proposta de Beividas (2008): a primeira cumpre o papel de separar o que é próprio da língua(gem) e o que pertence aos outros domínios do humano; a segunda garante que tanto o que pertence ao linguístico como o que pertence às outras áreas do conhecimento e da vivência humana compartilhem do mesmo espaço, a humanidade. Em nossas considerações finais, compreendemos que o caminho que a semiótica francesa deve seguir é: da imanência à transcendência, posto que a imanência epistemológica e metodológica, quando bem articuladas, jogam luz sobre os fenômenos que reverberam na transcendência do sentido.

Palavras-chave: Imanência, Transcendência, Percepção, Símbolo, Valor

Quem quer que seja dotado de um pouquinho de senso, continuei, há de lembrar-se que de dois modos e por duas causas perturba-se a visão: na passagem do claro para a escuridão e vice-versa: das trevas para a luz. Refletindo que a mesma coisa se dá com a alma, sempre que a vir a debater-se em tais dificuldades e incapaz de discernir seja o que for, em vez de rir à toa, procurará saber se é por acabar de sair de uma vida mais luminosa e por falta de hábito que as trevas a dominam, ou se a passagem da ignorância para a luz fica ofuscada pelo efeito da claridade muito intensa. No primeiro caso, felicitará a alma pelas dificuldades presentes e por sua maneira de viver; no outro, a lastimará; e se tiver vontade de rir à sua custa, menos fora de propósito seria a gargalhada nesse caso do que com referência à alma que acabara de descer da luz

(Platão, 2006, p. 16)

Introdução

De forma semelhante às meditações de Platão, segundo sua metáfora filosófica do mito da caverna, a semiótica de linha francesa vive um momento de apreensão singular, no qual deve discernir se está saindo das trevas rumo à luz ou se vai da claridade à obscuridade. Muitas das críticas que a teoria recebeu e ainda continua a sofrer são fruto ora de um reducionismo de seu projeto, ora de um mau entendimento de sua postura imanentista e estrutural. Todavia, desde a morte de seu fundador, Algirdas Julian Greimas (1917-1992), os próprios semioticistas têm divergido sobre quais serão os rumos de sua ciência.

A rigorosa leitura de Saussure, a postura científica de Hjelmslev e a organicidade engenhosa de Greimas contribuíram muito para a constituição e a consolidação do projeto semiótico. De Saussure, a teoria reteve a ideia de que a língua pode ser definida, *per se*, como um sistema autônomo formado de signos, que, por

*Esta expressão “da imanência à transcendência” tomamos de empréstimo de Discini (2009, p. 598), que também discute os desdobramentos da teoria semiótica no cenário do século XXI.

[†] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas FFLCH-USP. Endereço para correspondência: (marcosrmcosta15@gmail.com).

sua vez, se bipartem em significado (conteúdo) e significante (imagem acústica), unidades interdependentes. Além disso, o mestre suíço demonstrou a arbitrariedade, a imutabilidade e a mutabilidade do signo; o caráter linear do significante; as relações sintagmáticas e paradigmáticas que envolvem as línguas naturais, de um lado e, de outro, as sincrônicas e diacrônicas; e, não menos importante, o conceito de valor, “visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (Saussure, 1970, p. 132). Portanto, a partir de Saussure (1970, p. 130-141), a semiótica passou a carregar a *noção de valor*, segundo a qual o signo não vale em si, mas pela relação que tece com os demais signos. Um signo, então, só vale pela relação que estabelece com o outro. Por essa razão, Greimas e Courtés (2008, p. 502) definem que “toda semiótica não é senão uma rede de relações”.

De Hjelmslev, a semiótica compartilha a tese de que “a todo processo corresponde um sistema que permite analisá-lo e descrevê-lo através de um número restrito de premissas” (Hjelmslev, 2009, p. 8). Compreendemos, portanto, que o objetivo de uma teoria da linguagem é apreender a existência de um sistema subjacente ao processo, com base na tese da constância que subentende as flutuações. Além disso, o linguista dinamarquês propõe que a linguística mantenha seu ponto de vista centrado nos fenômenos da língua e que evite uma perspectiva exterior ao seu próprio sistema, como buscar seus princípios teórico-metodológicos na biologia, psicologia, antropologia, entre outras áreas do conhecimento. Reconhecemos, portanto, que a semiótica, ao resgatar a orientação hjelmsleviana e saussuriana, deve ater-se a uma *estrutura imanente* como metodologia para investigar os domínios da linguagem.

De Greimas, surgiram as balizas que fundamentaram a semiótica do discurso. O mestre lituano, para descrever a produção e a compreensão dos discursos e suas manifestações textuais, concebeu a geração do sentido como um percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Portanto, para explicar as abstrações feitas no ato da leitura, o estudioso propõe não um percurso ontológico dos efeitos de sentido, mas um simulacro metodológico para recuperar o *percurso gerativo do sentido*. Esse percurso apresenta três níveis de profundidade, a saber: as estruturas fundamentais, as narrativas e as discursivas. Conforme Fiorin e Discini (2013, p. 184-185),

No primeiro patamar, estão as oposições semânticas sobre as quais se constrói o discurso e as operações que se realizam com elas (negação e afirmação); no segundo, descrevem-se os fazeres (transformações de

estado) de um sujeito em busca de um objeto; esse agir é um simulacro da ação do homem no mundo e de suas relações com outros homens; no terceiro, concretizam-se temática ou figurativamente as estruturas narrativas e também elas são actorizadas, temporalizadas e espacializadas. O nível discursivo será veiculado por um ou vários planos da expressão, produzindo textos, que são a manifestação do discurso. Os níveis fundamental e narrativo são “universais” culturais, são unidades discursivas virtuais que estão à disposição do falante para serem atualizadas, por meio da enunciação, no nível discursivo. A enunciação é a instância entre essas estruturas e as estruturas do discurso.

Fiorin e Discini (2013, p. 185) também advertem que “o percurso gerativo de sentido não é uma camisa de força onde se devem enfiar todos os textos, mas é um modelo de análise e de previsibilidade, que, apreende de maneira fina, generalizações sócio-históricas (invariantes) e especificidades de cada texto [...]”.

Esse alerta dos semioticistas – “não é uma camisa de força” – é um indício do alto custo pago pela semiótica por privilegiar, como visto nesse brevírio de suas bases epistemológicas, a estrutura, a imanência e a geração de sentido. A opção por esse núcleo duro e a consequência de suas inter-relações, que exigem atenção e cuidado do pesquisador semioticista, podem ora amedrontar o leigo, ora afastar de imediato os estudiosos mais conservadores de um lado e, de outro, os menos tradicionais. Além disso, em seu início, por volta da década de 1960, essa ciência da significação teve, de acordo com (Bevidas, 2008, p. 5), um “excesso categorial”. Ela se centrou no quadrado semiótico, o que ocasionou uma demasiada polarização da razão lógica (dos contrários, dos contraditórios). Isso impediu por algum tempo a investigação do gradual, do contínuo e dos intervalos do sentido.

Embora a semiótica tenha se debruçado no quadrado semiótico e no exame das modalidades por anos, esse trabalho não foi em vão e ainda carece de um retorno. O estatuto semiótico não tem como objetivo arrematar o ser e sua origem unívoca, diferentemente disso, é o parecer do sentido que interessa ao semioticista. Logo, no dizer de Greimas (1970), a relação entre o mundo natural e as línguas naturais (ou com os outros sistemas semióticos) não deve ser observada no nível das palavras e das coisas, mas no das unidades elementares de constituição dos dois sistemas de significação – também definidas como macrossemióticas¹).

Na semiótica discursiva, tem-se essa compreensão do mundo natural em sua relação com o mundo da

¹ Ressaltamos que mundo natural, na proposta de Greimas, não se opõe a cultural e sim a artificial (cf. Greimas; Courtés, (2008, p. 324-325)

língua natural, porque, desde Semântica Estrutural, obra fundante da proposta greimasiana de investigação do sentido no e pelo texto, renunciou-se a ilusão dos anos 60 do século XX de “[...] que seria possível fazer uma análise exaustiva do plano do conteúdo das línguas naturais, uma vez que isso seria fazer uma descrição completa do conjunto das culturas, o projeto estrutural em semântica busca repensar seu objeto” (Fiorin, 2008, p. 17).

De acordo com Fiorin (2008) e Greimas e Courtés (2008), três condições foram propostas para se perquirir a significação: a) ser gerativo: como vimos acima, buscam-se os investimentos semânticos e sintáticos progressivos do texto, indo do mais abstrato e geral até o mais concreto e particular, de tal maneira que cada patamar (nível profundo, narrativo e discursivo) possa receber uma representação metalinguística explícita; b) ser sintagmático, procura-se explicar, como disse Greimas (1970) acima, não as unidades lexicais particulares, mas sim, a produção e interpretação dos discursos e dos textos; c) ser geral equivale a postular a unicidade do sentido – em conformidade com a perspectiva hjelmslevianas apontada acima: buscar-se-á a constância nas flutuações, isto é, a partir dessa proposta, pode ser investigado, por exemplo, um efeito de sentido manifestado em diferentes planos de expressão ao mesmo tempo, produzido por uma coletividade de indivíduos, como os games, as novelas, os filmes, etc.

Por conseguinte, compreendemos que a teoria semiótica, desde o seu nascedouro, já tinha em vista um caminho a trilhar: desvelar nas estruturas do texto as unidades elementares constituintes dos dois sistemas de significação. A questão impreterivelmente imposta após essa dedução vem a ser: como fazer isso? É nesse ponto que o caminho semiótico se torna labiríntico, pois as três condições, acima apontadas, ganham no fazer pesquisa de cada investigador-semioticista um desdobramento diferente, como veremos.

Muitos foram os rumos traçados: desde a orientação do mestre lituano até as propostas mais engenhosas de seus seguidores. Greimas, em *Da imperfeição*, abre um leque de possibilidades. Ao procurar refletir sobre a estesia, o estudioso se aproxima da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, o que instaura um olhar mais atento à questão do corpo, da percepção e da figuratividade. Essa última, que até então era tratada com uma função de acabamento do discurso, ganha novos contornos teóricos, que vão desde o papel da criação da ilusão do referente até a construção do ponto de vista do enunciário (cf. Farias 2010).

Observamos com a última publicação de Greimas, em coautoria com Jacques Fontanille, *Semiótica das paixões*, que essa ciência da significação se abre para o estudo da semiose para além dos objetos tradicionais: é incorporada à teoria semiótica a proposta da modalização dos sujeitos de estado, o que permite estudar os

estados patêmicos. Segundo os semioticistas, “Não é mais o mundo natural que vem em direção ao sujeito, mas o sujeito que se proclama mestre do mundo. O mundo dito natural, o do sentido comum, torna-se então o mundo para o homem, mundo que se poderia dizer humano” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 19).

Desde então, o cenário da semiótica tornou-se um panteão sem Zeus ou moiras, mas cheio de oráculos, cada qual com sua própria vidência. Não nos cabe aqui fazer um exame exaustivo desse grupo clarividente, contudo, indicaremos as principais fontes das quais alguns desses oráculos têm se servido para delinear o futuro dessa ciência: em categorias da psicologia (e.g. nos termos interoceptividade, exteroceptividade e proprioceptividade, já presentes no Dicionário de semiótica I, de Greimas e Courtés); em fundamentações filosóficas (e.g. na inserção da percepção e do corpo, principalmente a partir de Merleau-Ponty, como apresenta Zilberberg); em concepções psicanalíticas (e.g. nos termos envelope e movimento, de Didier Anzieu, resgatados por Fontanille); em acepções sociológicas (e.g. nos desenvolvimentos da sociosemiótica de Eric Landowski a partir das contribuições de Sartre); em contribuições da retórica e da neurologia (e.g. as diversas investigações do grupo μ , em especial nos estudos de Jean-Marie Klinkenberg), entre outros campos de estudo.

Diante dessa realidade, este artigo objetiva discutir a conservação do princípio de imanência a partir da discussão dos conceitos de símbolo, valor e percepção. Investigar o conceito de símbolo se torna pertinente, visto que cada vez mais temos um debate acirrado sobre o que seria ou não operacional dentro de uma ciência que busca encontrar uma estrutura no sentido hjelmsleviano acima citado. Daí questionarmos qual é a dimensão de análise da semiótica, isto é, ela busca o dado real, o abstrato ou o simbólico? Nessa reflexão, podemos ainda colocar em pauta o desenvolvimento do conceito saussuriano de valor em paralelo com a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty concentrada na entrada da percepção no processo de significação.

Além disso, o percurso gerativo de sentido, que procura investigar essas relações internas, desde os estudos de Greimas (2002) vem sofrendo modificações, como dito anteriormente. Por essa razão, é importante procurarmos entender até que ponto essas alterações são bem-vindas ao projeto semiótico. Para entendermos isso, comparemos as propostas de Zilberberg (2011) e Fontanille (2004).

Constatamos que essas reflexões semióticas em andamento nos últimos anos devem, conforme alerta Bevidas (2008), ser examinadas a partir do pilar da imanência, para, com isso, verificarmos se elas preservam as virtudes desse princípio (levando-nos a uma transcendência) ou, de modo inconsciente ou não, o deturpam (desequilibrando o quadro epistemológico da

semiótica, como definido acima por Saussure, Hjelmslev e Greimas) – proposta que, em parte, retomaremos no último tópico de nosso estudo.

1. Percepção e imanência: entre o mundo natural e o mundo linguístico

A linha estruturalista, outrora direção-mor dos estudos científicos e, atualmente, corrente mal compreendida em seus atuais desenvolvimentos, lançou seus alicerces sob uma compreensão simbólica das coisas-do-mundo. Como explica Deleuze (1974, p. 272), o estruturalismo não buscou seus fundamentos no real nem no imaginário, mas no simbólico:

Ora, o primeiro critério do estruturalismo é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico. É a recusa de confundir o simbólico com o imaginário, bem como com o real, que constitui a primeira dimensão do estruturalismo.

Na cena de fundação da linguística e da semiótica, o símbolo cumpre um importante papel para ratificar o conceito de estrutura, posto que define uma terceira ordem, um terceiro reino, como ressaltado por Deleuze. Começamos pelo mestre genebrino. Saussure alerta que “não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal [...]” (1970, p. 15) e que “os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações [...]” (1970, p. 23, grifo nosso). Ao fazer essas distinções, o suíço instaura a língua em um espaço além da realidade e aquém de uma abstração. Temos, então, um objeto estrutural, isto é, segundo (Deleuze, 1974, p. 273), “a estrutura se encarna nas realidades e nas imagens segundo séries determináveis; mais ainda, elas as constituem, encarnando-se, mas não deriva delas, sendo mais profunda que elas, subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação”.

Essa leitura de Deleuze (1974) é muito pertinente para refletirmos sobre a urgência de outra perspectiva epistemológica no cenário dos estudos da linguagem, a qual o filósofo denominou “a nova filosofia transcendental” que, em muito, se assemelha a proposta hjelmslevianas de imanência alargada, que desenvolveremos abaixo. Cabe ressaltar que para Deleuze o simbólico é um nível epistemológico complexo e articulado que pode, em algumas partes, elucidar a proposta hjelmsleviana (como a explicação sobre a relação não direta e imediata com o mundo natural, o conjunto de restrições que o próprio sistema linguístico constrói, etc.). Todavia, aqui, restringiremos nosso olhar para os pressupostos saussurianos e hjelmslevianos que sustentam a teoria semiótica, uma vez que o interesse de

nosso olhar científico é verificar, no último tópico, em que medida os atuais estudos semióticos preservam esses pressupostos.

Hjelmslev, mais do que qualquer outro linguista, soube desbravar a perspectiva estruturalista e construir a partir dela uma metodologia para examinar os domínios da língua. Dessa maneira, quando o estudioso dinamarquês considera na estrutura o plano da expressão (significante saussuriano) e o plano do conteúdo (significado saussuriano) como compostos por forma e substância, é encontrada, como concebemos pelo viés teórico da semiótica francesa: na forma do conteúdo, a historicidade inerente a um texto; ao passo que, na substância do conteúdo, é encontrado o posicionamento social, a voz ideológica.

Em outras palavras, para Hjelmslev (2009), a substância não é a massa amorfa do pensamento nem as múltiplas possibilidades articulatórias do aparelho fonador. Não é uma realidade extralinguística *stricto sensu*, mas uma forma do conteúdo ou da expressão. Dessa maneira, um conceito ou um som possuem necessariamente uma forma e, por isso, são substância também. Logo, há uma solidariedade entre a função de signo (expressão/contéudo) e essas duas faces (forma/substância). Proposta que, ao ser acolhida por Greimas (1975, p. 93), desenvolveu na teoria semiótica que “as indicações hjelmslevianas [...] remetem nitidamente ao aspecto sociocultural das línguas naturais”.

Retomando a explicação do dinamarquês, ele ainda explica que expressão e conteúdo se pressupõem necessariamente. Uma expressão só é expressão em virtude de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo em virtude de uma expressão. Do mesmo modo, a forma e a substância possuem uma interdependência recíproca –, o que retoma, por sua vez, a orientação saussuriana que assevera que, na língua, um signo só se define pelo outro e os dois signos só são pela e na relação que os une.

Assim sendo, compreendemos que Saussure e Hjelmslev deixam como legado para a semiótica francesa o primado da forma, que, por sua vez, é resultante de uma apreensão simbólica, a qual engendra objetos estruturais, que não são esvaziados de valores culturais, mas permeados por um “aspecto sociocultural”. Portanto, quando Greimas projeta a relação entre as duas macrossemióticas, o mundo natural e as línguas naturais, ele propõe, como primordial, a relação epistemológica entre símbolo (não centrado nem no signo, nem em suas partes, mas na relação que une os signos – viés saussuriano a partir da noção de valor) e estrutura (constância apreensível em meio às flutuações – viés hjelmsleviano a partir da concepção de imanência).

Antes de observarmos essa relação, é necessário dizer que a semiótica discursiva não trata a exterioridade discursiva como algo externo à língua ou ao

texto/discurso. Contudo, ela não deixa de examinar, sob outro prisma – no caso imanentista – e com outros nomes, aquilo que é denominado exterioridade em outros quadros teóricos. Ao procurar os sentidos de um texto, a teoria semiótica tem dois procedimentos de exame: a busca pelos dados linguístico-discursivos, de um lado; e, de outro, as relações com a sociedade e a história. Os dados linguístico-discursivos são resgatados principalmente por meio do percurso gerativo do sentido, e as relações com a sociedade e a história podem ser investigadas, metodologicamente, de três formas, segundo Barros (2009, p. 352):

- pela análise da organização linguístico-discursiva dos textos, em especial da semântica do discurso, isto é, de seus percursos temáticos e figurativos, que revelam, de alguma forma, as determinações histórico-sociais inconscientes;
- pelo exame das relações intertextuais e interdiscursivas que os textos e os discursos mantêm com aqueles com que dialogam;
- pela relação entre duas semióticas, a do mundo natural e a das línguas naturais (ou mesmo outros sistemas semióticos), que, no dizer de Greimas (1970, p. 52-56), deve ser observada não no nível das palavras e das coisas, mas no das unidades elementares de constituição dos dois sistemas de significação.

Essa terceira forma se distingue das duas anteriores, posto que, enquanto estas apontam para as relações do texto com as determinações sócio-históricas e, conseqüentemente, com a ideologia subjacente, aquela resgata a relação entre a semiótica do mundo natural e a semiótica das línguas naturais (ou dos outros sistemas de significação). Temos, portanto, uma mudança de patamar de análise.

Esse nível de análise é discutido por Greimas (1970), que afirma que o plano da expressão (a forma da expressão) do mundo natural se torna o plano do conteúdo (forma do conteúdo) das línguas naturais. Disso resulta, como estamos indicando desde o início deste trabalho, a importância: (a) do estudo das unidades elementares que constituem os dois sistemas de significação; e (b) do entendimento de que o mundo sensível está imediatamente presente na forma linguística e que participa de sua constituição. Desenvolvamos como Greimas chegou a essas duas considerações fulcrais para o projeto da semiótica de linha francesa.

Chegamos, a partir dessa discussão, a parte central deste tópico: como a teoria semiótica percebe a relação entre o mundo natural e o mundo linguístico? A percepção é desenvolvida no seio da teoria semiótica da seguinte maneira. Greimas (1966, 1975) propõe que o mundo sensível é antes de tudo o mundo do

senso comum, portanto, se apreende o mundo natural e linguístico como um mundo fundado em determinada cultura e sociedade. Entende-se a percepção, de acordo com Greimas (1966, p. 15), “como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação. Assim procedendo, [...] no seu estatuto particular, uma classe autônoma de significações linguísticas, suspendendo destarte a distinção entre a semântica linguística e a semiologia saussuriana”. Em outros termos, não há uma significação pronta e imediata que possa ser capturada pela percepção de todo e qualquer homem em qualquer espaço e tempo. A língua recorta o mundo, bem como o homem, ao escolher seu modo de enunciar, recorta o sentido no mundo.

Sendo assim, percepção e imanência se complementam na teoria semiótica, pois se compreende que há uma constância nas flutuações – como defendeu Hjelmslev (2009) ao propor a imanência nos estudos da língua(gem) –, mas essa constância se mostra e se constitui a cada nova enunciação do sujeito (por isso, não há uma percepção pronta e imediata, como apontou Greimas); e, em cada língua, ela se faz de uma forma diferente, dada a cultura e a sociedade (por isso, segundo Greimas, não há uma distinção entre a semântica linguística – que investiga o sentido construído estritamente no aparelho da língua – e a semiologia saussuriana – que investiga os mecanismos do sentido em uso na língua).

Para elucidarmos essa relação, propomos um exemplo. Comparemos, em diferentes línguas, o principal termo linguístico que nomeia a função profissional/o agente que dirige um automóvel privado, de pequeno porte: em português, nomeou-se motorista, termo que é derivado do substantivo primitivo motor, peça fundamental do veículo automotor; em francês, designou-se *chauffeur*, haja vista que, sob essa cultura, esse sujeito é responsável pelo aquecimento (em francês, *chauffant*) do automóvel, o que era estritamente necessário, no início da automobilística, para o funcionamento do veículo; em inglês, intitula-se driver, que se relaciona à ação do sujeito: dirigir, em inglês, to driver. Esse exemplo nos leva a concordar com Discini (2007, p. 11): “Falamos do mundo feito enunciado: mundo simbólico, porque construído significativamente; mundo contraditório, porque reflexo e refração de um corpo social”.

Cada língua nomeou de maneira diferente, segundo seus valores socioculturais (reflexo e refração de um corpo social) e seu próprio sistema linguístico (reflexo e refração de um corpo linguístico), o agente que executa o ato de dirigir um automóvel privado, de pequeno

porte ².

Em acordo com os pressupostos saussurianos e hjelmslevianos, a teoria semiótica concebe que cada língua percebe e recorta de maneira diferente a massa amorfa do pensamento, por isso “a língua constitui uma instituição social, mas ela se distingue por vários traços das outras instituições políticas, jurídicas, etc.” (Saussure, 1970, p. 24). Portanto, em um primeiro momento, exigiu-se que “evitando a atitude transcendental que prevaleceu até, aqui (1943), a teoria da linguagem procura um conhecimento imanente da língua enquanto específica que se baseia apenas em si mesmo. Procurando uma constância no próprio interior da língua e não fora dela [...]” (Hjelmslev, 2009, p. 23). Essa fala de Hjelmslev compõe a primeira parte de sua proposta para o estudo da linguagem. No final de seu texto o dinamarquês irá retomar a transcendência, por ora, suspensa dos estudos da língua(gem) – até meados de 1980, a teoria semiótica fazia o mesmo recorte epistemológico, conforme Barros (2007) e Bevidas (2008).

Radicadas nesses princípios, como delineamos no percurso de Saussure, Hjelmslev e Greimas, a apreensão simbólica e a construção de objetos estruturais são – e devem continuar sendo – basilares na epistemologia da semiótica. Não é o dado ontológico nem o apriorístico que a semiótica almeja encontrar, é o dado construído na e pela linguagem, assim, a teoria cumpre o segundo momento que Hjelmslev (2009, p. 133) prevê para a teoria da linguagem, a saber: “em vez de impedir a transcendência, a imanência, pelo contrário, deu-lhe uma base nova e mais sólida. A imanência e a transcendência juntam-se numa unidade superior baseada na imanência”. Essa segunda imanência, de ordem superior à imanência e à transcendência anteriores, segundo (Bevidas, 2008, p. 4), é de um patamar epistemológico, que, por sua vez, implica uma “metodologia imanente”.

Essa metodologia suscitada por Hjelmslev não previu para sempre uma imanência epistemológica que cortasse toda e qualquer influência de outras disciplinas ou campos do saber nos domínios da língua. No entanto, preveniu os desenvolvimentos vindouros do malefício que poderia causar o esquecimento ou o abandono desse ponto de vista imanente, que como vimos, dialoga com a noção de percepção de Greimas (1966), que está, por sua vez, ancorada nos pressupostos saussurianos (principalmente, na noção de valor)

e hjelmslevianos (na premissa de que há uma constância em meio às flutuações). Logo, a previsão de novos aportes teóricos e a prevenção diante de novos aportes teóricos devem ser bem distinguidas no fazer da teoria semiótica – principalmente se esta quiser manter-se fiel aos seus pressupostos teóricos fundantes.

2. Símbolo e valor: o caráter relacional dos estudos do discurso

Neste tópico, desenvolveremos a pertinência de se conceber na teoria semiótica de linha francesa uma *faculdade de simbolizar* o mundo natural, de um lado, e o caráter relacional que a noção saussuriana de valor traz consigo, de outro. Fazemos essa discussão com o intuito de afiançar a conservação do princípio de imanência a partir dos conceitos de símbolo e valor.

A teoria semiótica de linha francesa defende, como vimos no tópico anterior, que não temos acesso direto e imediato ao mundo real. Observemos como isso se confirma a partir dos estudos de Benveniste³. De acordo com este estudioso, a articulação da linguagem com a cultura e a sociedade é possível por causa do poder simbólico que a língua possui. Segundo Benveniste (2005, p. 32), “pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma”. O estudioso faz essa afirmação, porque ele entende que:

[...] a linguagem é o mais econômico dos simbolismos. Ao contrário de outros sistemas representativos, não exige nenhum esforço corporal, não impõe manipulação laboriosa. Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente uma “criação do mundo” se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que dissipam apenas imitados, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco. O fato de existir semelhante sistema de símbolo revela-nos um dos dados essenciais, talvez o

²Distinguimos em nosso exemplo *automóvel privado* de *automóvel coletivo*, porque, em francês, tem-se um termo específico para o profissional que dirige transporte coletivo, como ônibus: *conductor*. Em português, também há um termo específico para um profissional de veículo particular grande porte: *caminhoneiro*. Por haver essas outras interpretações, optamos pela designação “a função profissional/o agente que dirige um automóvel privado, de pequeno porte”. Ressaltamos que essa designação ainda pode ser ambígua e trazer outros termos que não os acima previstos, todavia apresentamo-la apenas como um simples exemplo, e não como um estudo exaustivo de cunho rigorosamente etimológico ou diacrônico.

³Nosso interesse em resgatar a proposta benvenistiana está, primeiro, no fato de que esse teórico permeia e motiva muitos estudos semióticos (Fiorin 2010; Discini 2007, dentre outros.) – eis a jurisprudência que nos valida – e, segundo, está no fato de que Benveniste foi um dos primeiros estudiosos a se atentar detidamente para a relação entre o enunciado (o dito) e a enunciação (o dizer) e deslindar essas instâncias no aparelho linguístico – eis a pertinência que nos atraiu teoricamente.

mais profundo, da condição humana: o de que não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. É preciso haver um intermediário, esse aparato simbólico, que tornou possíveis o pensamento e a linguagem. Fora da esfera biológica, a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano. (Benveniste, 2005, p. 30-31).

O exemplo e a explanação de Benveniste nos elucidaram o quão importante é entendermos que não há uma relação natural, direta e imediata entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. “Porque a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a *faculdade de simbolizar*” (Benveniste, 2005, p. 27, grifo do autor). No âmbito da semiótica da Escola de Paris, ao resgatar essa proposta benvenistiana, os semioticistas, como, por exemplo, Discini (2007, p. 201, grifos da autora)), sustentam que “[...] o próprio mundo é então considerado um enunciado construído e decifrável pelo homem: mundo linguageiro, sujeito linguageiro, já que dados ambos na e pela linguagem”. Eis, portanto, como se tornou primordial a incorporação da noção de símbolo nos estudos da semiótica francesa, pois o sentido do homem e do mundo não está fora da língua(gem), mas sim, é imanente a ela: está na e pela linguagem, como dito pela semioticista.

Para chegar a essa concepção e desenvolvê-la, os estudos semióticos percorreram um percurso caudaloso, como explica Barros (2007). De acordo com a estudiosa, se os estudos de Saussure – de reconhecida importância para situar a linguística entre as ciências humanas, para estabelecer seu objeto – limitaram o campo de possível interesse do linguista, separando língua de fala, o linguístico do extralinguístico; os estudos posteriores procuraram, de diferentes maneiras, recuperar a fala, bem como outros aspectos que permeiam e integram o signo linguístico. O espaço existente entre as dicotomias saussurianas – língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma etc. – foi, pouco a pouco, sendo investigado e discutido por outras perspectivas. O caminho delineado para essa mudança no quadro de investigação foi estabelecido quando os linguistas passaram a analisar não mais a frase isolada e descontextualizada, e sim o texto e os processos de enunciação.

A semiótica, preocupada com a organização subjacente que produz o sentido dentro do texto (Greimas; Courtés, 2008, p. 183-187) e herdeira dos pressupostos de Saussure e Hjelmslev, traça um caminho peculiar nos estudos do discurso. Isso porque a forma e a estrutura defendidas pela teoria semiótica pos-

suem um caráter relacional, subsidiado pela noção saussuriana de valor. Desenvolvamos essa ideia.

De acordo com Discini (2009, p. 598), por meio da noção de valor, “Saussure oferece base para a concepção do sentido visto no aquém (imanência) da substância e no entorno ou além do próprio signo (transcendência)”. Desse modo, a semiótica, ao resgatar as bases saussurianas e hjelmslevianas, consegue desdobrar uma perspectiva sobre os processos de significação: uma leitura das dependências mútuas que constroem a estrutura gerativa do sentido. Por isso, Greimas e Courtés (2008, p. 184) definem estrutura como “uma entidade autônoma de relações internas, constituídas em hierarquias”.

O conceito de forma, por sua vez, não é uma abstração ensimesmada. Diferentemente, é uma forma valorizada, visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros, como propõe Saussure. Isso se sustenta ainda na recomendação de Hjelmslev (2009, p. 28), segundo a qual os objetos só podem ser compreendidos como pontos de interseção de feixes de relações, visto que “o essencial não é dividir um objeto em partes, mas sim adaptar a análise de modo que ela seja conforme às dependências mútuas que existem entre essas partes, permitindo-nos prestar contas dessas dependências de modo satisfatório”⁴.

Portanto, para que a semiótica se desenvolva e alcance seus objetivos, preservando o princípio de imanência, ela deve conservar seu caráter relacional, isto é, ater-se à noção de valor saussuriana e ao conceito de estrutura hjelmsleviano. O que, como advertem Greimas e Courtés (2008, p. 383), “implica a prioridade atribuída às relações em detrimento dos elementos: uma estrutura é antes de tudo uma rede relacional, cujas intersecções constituem os termos”. Logo, observamos que o princípio de imanência desenvolvido no projeto semiótico envolve, intrinsecamente, os conceitos de símbolo – desenvolvido, aqui, na faculdade de simbolizar, de Benveniste – e valor – recuperado, aqui, na articulação de Greimas, Saussure e Hjelmslev.

3. Fontanille e Zilberberg: analisando dois modos de conceber a imanência

Os estudos semióticos passaram por diversas etapas. Houve, primeiro, uma onda estruturalista cunhada a partir dos estudos do conto maravilhoso de Propp e da pesquisa antropológica de Lévi-Strauss. Depois, um avançar do interesse da semiótica pelo estudo das paixões, nas relações tensivas e fóricas. Atualmente, um tournant fenomenológico que se espraia em diver-

⁴Essa perspectiva de Hjelmslev avança diante da sanção saussuriana de que “a entidade linguística só está completamente determinada quando estiver delimitada, separada de tudo o que a cerca na cadeia fônica” (Saussure, 1970, p. 145). Portanto, a leitura hjelmsleviana traz à semiótica um horizonte mais amplo para seu projeto de investigação.

sas vertentes e possibilidades. Nessa última visada, destacaram-se os estudos de Fontanille e Zilberberg (Zilberberg (2011); Fontanille; Zilberberg, 2001 2001; Fontanille 2004). Observemos como cada um constrói sua proposta e como o princípio de imanência se sustenta (ou não) nesses trabalhos, principalmente a partir dos pressupostos saussurianos e hjelmslevianos que discutimos até aqui.

Começemos pela proposta de Fontanille (2004). Discutindo o desenvolvimento da teoria, Fontanille (2004, p. 91) faz um retorno às bases da semiótica e considera necessário rever a noção de função semiótica. Em suas palavras, na tradição saussuriana e hjelmsleviana, é concebido que a relação entre as duas faces do signo ou os dois planos da linguagem é sempre uma relação lógica, qualquer que seja a formulação – é, assim, que Fontanille vê os pressupostos que desenvolvemos nos tópicos anteriores: são todos imbuídos de relações lógicas. Para esse estudioso, dentro dessa semiótica da lógica, a relação é necessária ou arbitrária, segundo o ponto de vista adotado, ou de pressuposição recíproca. Não temos, portanto, a necessidade de um operador. O sujeito fica na narrativa como unidade pressuposta pelas relações de enunciação. Essa suposta situação muda na aceção do estudioso francês:

[...] quando se interroga sobre a operação que reúne os dois planos de uma linguagem, o corpo se torna indispensável: que ele seja tratado como lugar, vetor ou operador da semiiose parece então como a unida instância que é comum às duas faces ou aos dois planos da linguagem e que pode fundar, garantir ou realizar sua reunião em um conjunto significativo (Fontanille, 2004, p. 91).

Desse modo, a inserção do corpo na teoria semiótica na proposta de Fontanille (2004, p. 91) é “uma alternativa evidente para as soluções logicistas: em vez de tratar os problemas teóricos e metodológicos como problemas lógicos, somos convidados, hoje em dia, a tratá-los sob um ângulo fenomenal e, para isso, o corpo do operador é necessário”. Eis aí o que o estudioso constrói como seu desdobramento da teoria semiótica.

Para Fontanille (2004), a inserção do corpo nos estudos do discurso, em especial da semiótica, requer que o actante se encarne, isto é, que tenha um corpo e seja um corpo. Para isso, o actante concebido nos estudos da semiótica dita standard (Greimas; Courtés, 2008) como uma posição formal, calculável a partir de uma classe de predicados, torna-se, a partir de seu desdobramento, “um actante concebido como uma posição corporal, isto é, como uma carne e um ícone

corporal, primeiro lugar das impulsões e das resistências geradoras da ação transformadora dos estados de coisas” (Fontanille, 2004, p. 93). Nessa concepção, carne e corpo são distinguidos: na primeira, há uma resistência à transformação dos estados de coisas ou a participação nela, desempenhando o papel de centro de referência; no segundo, ocorre a semiiose, que é aquilo que se forma na reunião dos dois planos da linguagem.

Definidas essas bases, Fontanille (2004, p. 94, grifos do autor) faz a seguinte convenção:

[...] a *carne* é o substrato do *Eu* do actante, e que o *corpo* é o suporte do seu *Ele*.

O *Eu* é, então, o centro da referência do discurso, mas é também, uma pura sensibilidade carnal, submetida à intensidade das pressões e das tensões que se exercem no campo de presença.

O *Ele*, ao contrário, seria construído interiormente e pela atividade discursiva.

As duas instâncias, o *Eu* e o *Ele* do actante, *pressupõem-se e definem-se reciprocamente*: o *Ele* é a parte de si mesmo que o *Eu* projeta fora de si para poder se constituir como actante; o *Eu* é essa parte de si mesmo a que o *Ele* se refere, construindo-se.

Ora, se, como propõe Fontanille (2004), a reciprocidade e a pressuposição na relação entre os dois planos é uma solução logicista, o que apreendemos de sua convenção não é tão distante disso. O semioticista deseja imprimir um regime mais dinâmico e gradiente ao quadro epistemológico da semiótica (?). Contudo, ao tomar a noção de actante e desenvolvê-la a partir dos conceitos de carne e corpo, e depois entre as noções de *Eu* e *Ele*, o estudioso continua a reter a fórmula anteriormente criticada, uma vez que “as duas instâncias, o *Eu* e o *Ele* do actante, pressupõem-se e definem-se reciprocamente” (Fontanille, 2004, p. 94)⁵.

Isso ocorre porque, como estamos asseverando desde o início, a semiótica é uma rede de relações. Não é uma questão de relação lógica (Se A, logo B; A pressupõe B; etc.), é uma questão de epistemologia do *crer-ser* e do *fazer-saber* da teoria semiótica. Portanto, o semioticista, invariavelmente, percebe e depreende dos processos discursivos as relações que os termos carregam, haja vista o princípio de imanência que implicitamente sustenta o fazer do semioticista, como vimos, nos tópicos anteriores, a partir das noções de percepção, símbolo e valor. Isso, desdobrando a proposta de Beividas (2008), configura-se como uma *imanência epistemológica* e não, simplesmente, uma *imanência metodológica*. Em outros termos, enxergar

⁵Essa observação não é uma crítica ao quadro científico montado pelo semioticista francês, mas um exemplo de como a semiótica, como teoria e metodologia, imprime sua marca em seus estudiosos, de tal maneira que eles continuando perpetuando suas bases, mesmo quando as critica.

as relações que unem os signos e não propriamente os signos em si é, para o semioticista, uma imanência epistemológica de seu fazer científico.

Logo, o desdobramento proposto por Fontanille não pode negar o caráter relacional do projeto semiótico, pois isso estaria, de uma forma ou de outra, destituindo o princípio de imanência epistemológica que permeia todo o fazer semiótico, como demonstramos nos tópicos anteriores. Por isso, a sua proposta, embora diga, no enunciado, que vá quebrar com as “soluções logicistas” (Fontanille, 2004, p. 91) dos pressupostos saussurianos e hjelmslevianos, não faz outra coisa senão reafirmá-los, na enunciação enunciada, sobre outra roupagem figurativa. Portanto, eis o princípio de imanência – prioritariamente epistemológica – se confirmando, mesmo quando é negado na retórica do semioticista.

Passemos a segunda proposta. Claude Zilberberg, ao observar essa virada fenomenológica nos estudos semióticos, cumpriu e continua cumprindo um papel importante em seu desenvolvimento. Inicialmente, junto a Fontanille, na obra *Tensão e significação* (2001), propôs um olhar teórico mais atento para o intervalo, a presença sensível e a manifestação das paixões. Em *Elementos de semiótica tensiva*⁶, o estudioso propõe para a tensividade o eixo semântico que articula, de um lado, a intensidade e, de outro, a extensidade, e que entre esses eixos toda e qualquer grandeza linguística pode ser analisada.

Devido a esses desdobramentos tensivos, a teoria semiótica enriqueceu seu instrumental de análise. O que tornou essa proposta interessante para semiótica não foi somente o seu valor heurístico, visto que, a partir dela, os semioticistas podem estudar os intervalos e os gradientes de sentido dentro dos domínios do sensível e do inteligível; mas também porque “o modelo não escapa às coerções semióticas que ele vislumbra nos discursos que examina, e acaba se impregnando da receita dos conceitos que ele mistura” (Zilberberg, 2011, p. 11). Por isso, Zilberberg, desde o seu prólogo, deixa claro quais serão os ajustes que ele fará no maquinário da semiótica para que ela atenda as suas demandas.

Zilberberg também se utiliza de outros teóricos para fomentar a sua proposta, a saber: Ernest Cassier, Merleau-Ponty e Paul Valéry. Todavia, como diria a máxima popular, “a diferença entre o remédio e o veneno é a dose”. Zilberberg não erra na medida, ele apresenta as ideias e os conceitos desses pensadores de maneira coerente, além de notificar sempre a postura imanentista e relacional da semiótica diante das macrossemióticas do mundo natural e das línguas naturais, o que preserva, em certa medida, a noção percepção, como prevista por (1966), mas a desdobrando sobre outros conceitos, como foria, tensividade,

etc.

Como exemplo de como Zilberberg (2011, p. 92) faz essa “presentificação que renova e atualiza os ‘resultados’, passadificação que aclama e autentica os ‘pontos de vista’”, observemos o trecho abaixo:

Um universo semântico identificado e estabilizado, um microuniverso semântico, segundo Greimas, só é concebível como gramática que declina concordâncias coercivas e proibições, ou seja, categorias. Mas uma vez feita essa síntese, impõe-se a questão: de onde vem exatamente a ideia de que o sujeito seja capaz de atuar com o aparato categorial que o precede? De fato, tendo em vista que tanto o jogo quanto a gramática exigem de seus jogadores o respeito a regras estritas, ambos mantêm afinidades recíprocas – como queria Saussure, embora sob uma relação diferente, quando aproximava a língua do jogo de xadrez. Mas o questionamento persiste: o que nos autoriza a dizer que o sujeito aceita atuar segundo essas regras? Eis a razão: essas regras são as suas regras. Em outras palavras, as operações de aumento e diminuição que o sujeito efetua na dimensão da intensidade e as operações de triagem e mistura que efetua na dimensão da extensidade são de natureza semelhante. Na dimensão da intensidade, o sujeito regula, ajusta, os afetos que o devastam ou o deprimem; na dimensão da extensidade, ele classifica, enquadra como pode ou rejeita as grandezas admitidas ou “surgidas” em seu campo de presença. A base subjetal das dimensões e subdimensões, de um lado, e das operações canônicas, de outro, permite entender a apropriação subjetiva tanto dos estados de alma como dos estados de coisas. (Zilberberg, 2011, p. 284-285, grifos do autor)

Ao questionar como o sujeito se insere no mundo, fazendo com que *o mundo se torne o-seu-mundo*, Zilberberg (2011) responde essa questão em diálogo tanto com Greimas quanto com Saussure, retomando e desdobrando os princípios destes. Desse modo, observando esse trecho e fazendo um cotejo entre as duas propostas, podemos dizer que Zilberberg (2011), de forma semelhante a Fontanille (2004), também *desdobrou* a teoria semiótica, contudo, ele não negou os pressupostos do hjelmslevianos e saussurianos que deram solidez à matriz semiótica, visto que o autor relê exaustivamente as linhas e entrelinhas desses fundadores. Fontanille (2004), embora desenhe um forte equipamento teórico para examinar as impulsões, as pressões e as tensões que permeiam o discurso, faz

⁶ O original em francês se chama *Éléments de grammaire tensiva*, publicado em 2006 pela Presses Universitaires de Limoges (PULIM).

outra escolha teórico-metodológica – que, como vimos, não escapa da imanência epistemológica da semiótica.

Com isso, Fontanille (2004), nas entrelinhas, ao tentar fugir do teor relacional das estruturas semióticas, acaba fazendo do mesmo, mas com outras nomenclaturas, agora mais psicologizantes – visto que ele se utiliza de alguns pressupostos do psicólogo Didier Anzieu. Logo, na proposta de Fontanille, temos uma imanência epistemológica que se dissolve na transcendência de outras vertentes teóricas, visto os resgastes psicologizantes que o estudioso retoma de psicólogo supracitado; já na proposta de Zilberberg, temos uma imanência epistemológica que dialoga com a transcendência do sentido sem perder de vista os pressupostos que ancoraram a imanência metodológica do fazer científico da semiótica.

Com esse cotejo entre as propostas de Fontanille (2004) e Zilberberg (2011), não queremos definir qual é a melhor ou pior entre as duas. Diferentemente disso, nosso objetivo foi demonstrar que o princípio de imanência está intrinsecamente associado ao fazer científico do semiótico. Até quando este o nega – como tentou fazer Fontanille (2004) –, ele acaba por reafirmá-lo. A semiótica francesa é uma ciência em formação, no entanto, ela tem uma cena de fundação e esta se faz presente, como demonstramos ao estudar o princípio de imanência, a partir dos conceitos de percepção, símbolo e valor.

Considerações finais

Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 255-256), temos quatro acepções de imanência, a saber: (i) é imanente a macrossemiótica do universo diante do mundo real e bruto das ontologias; (ii) são imanentes as estruturas do percurso gerativo do sentido em oposição ao que está na manifestação; (iii) é imanente o que se contrapõe à aparência nos esquemas do quadrado semiótico da veridicção; (iv) é imanente a função do sujeito que se opõe à transcendência da função do destinador no interior do nível narrativo. Outra acepção, encontrada em Hjelmslev (2009) e discutida por Beividas (2008), pode ser acrescentada: a *imanência epistemológica*, que se opõe à *imanência metodológica*. Enquanto esta cumpre o papel de separar o que é próprio da língua(gem) e o que pertence aos outros domínios do humano, aquela garante que tanto o que pertence ao linguístico como o que pertence às outras áreas do conhecimento e da vivência humana compartilhem do mesmo espaço, a humanidade.

A semiótica francesa, como delineamos desde o início, cumpre uma importante função no desenvolvimento da imanência epistemológica, porque, ao preservar certa imanência metodológica em sua análise e garantir, ainda assim, a geração de sentido, ela consegue desvelar a rede de relações internas que subjazem os processos de enunciação e suas unidades tensivas

e fóricas.

Por isso, respondendo a nossa questão inicial, essas reflexões semióticas dos últimos anos, principalmente em relação à inserção de estudos mais aprofundados do corpo e do sujeito, quando preservam as virtudes dessas duas imanências, a metodológica e a epistemológica, levam-nos a uma transcendência, isto é, a um princípio de comunicação participativa em todos os âmbitos do discurso, tornando a descrição e a análise cada vez mais abertas ao acontecimento e à estesia. Logo, o caminho que a semiótica francesa deve seguir é: da imanência à transcendência, posto que a imanência epistemológica e metodológica, quando bem articuladas, jogam luz sobre os fenômenos que reverberam na transcendência do sentido. ●

Referências

- Barros, Diana Luz Pessoa de
2007. Rumos da semiótica. *Revista Todas as Letras, São Paulo*, 9:12-23.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
2009. Uma reflexão semiótica sobre a 'exterioridade' discursiva. *Revista Alfa*, n. 53, v. 2:351-364.
- Beividas, Waldir
2008. Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica. *Cadernos de Semiótica Aplicada - CASA, Araraquara*, 6(2):1-13.
- Benveniste, Émile
2005. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Luiza Neri. rev. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Deleuze, Gilles
1974. Em que se pode reconhecer o estruturalismo?. In: Châtelet, François (Dir.). *História da filosofia. Vol. 8 - O século XX*. Tradução de Hilton F. Japiassú. Rio de Janeiro: Zahar, Pp. 271-303.
- Discini, Norma
2007. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto.
- Discini, Norma
2009. Semiótica: da imanência à transcendência (questões de estilo). *Alfa, São Paulo*, 53(2).
- Farias, Iara
2010. Nos caminhos da figuratividade. *Cadernos de semiótica aplicada - CASA, Araraquara*, 8(2):1-17.
- Fiorin, José Luiz
1996. O corpo nos estudos da semiótica francesa. In: Silva, Ignácio Assis. *Corpo e sentido. A escuta do sensível*. Araraquara: Unesp.

- Fiorin, José Luiz
2008. Enunciação e semiótica. In: Fiorin, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, Pp. 15-36.
- Fiorin, José Luiz
2010. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.
- Fiorin, José Luiz; Discini, Norma
2013. O uso linguístico: a pragmática e o discurso. In: Fiorin, José Luiz (Org.). *Linguística? O que é isso?* São Paulo: Contexto.
- Fiorin, José Luiz (Org.)
2013. *Linguística? O que é isso?* São Paulo: Contexto.
- Fontanille, Jacques
2004. A semiótica do corpo: entre psicanálise, fenomenologia e antropologia. In: Cortina, Arnaldo; Marchezan, Renata Coelho. *Razões e sensibilidades. A semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/ FCL/ UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, Pp. 89-116.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude.
2001. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: Edusp.
- Greimas, Algirdas Julien
1966. *Semântica estrutural*. Tradução de Izidoro Blikstein e Haquira Osakabe. São Paulo: Cultrix.
- Greimas, Algirdas Julian
1970. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. In: Greimas, Algirdas Julien. *Du sens: essais sémiotiques*. Paris: Éditions Du Seuil, Pp. 49-91.
- Greimas, Algirdas Julien
1975. Para uma sociologia do bom senso. In: Greimas, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, Pp. 86-96.
- Greimas, Algirdas Julien
2002. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores.
- Greimas, Algirdas-Julien and J. Courtés
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques
1993. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph (Orgs)
1986. *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage - Tome 2*. Paris: Hachette.
- Hjelmslev, Louis
2009. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Platão
2006. *O mito da caverna. A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA.
- Saussure, Ferdinand de
1970. *Curso de linguística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- Zilberberg, Claude
2011. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial.

Dados para indexação em língua estrangeira

Costa, Marcos Rogério Martins

De l'immanence à la transcendance: réflexions sémiotiques

Estudos Semióticos, vol. 10, n. 1 (2014)

ISSN 1980-4016

Abstract: *Cet article traite de l'un des problèmes les plus intéressants et peut-être moins résolus de la sémiotique structurale de ligne française: le principe de l'immanence. Grâce à la discussion de la proposition de Saussure (1970), Hjelmslev (2009), Greimas (1975, 1966), Greimas et Courtès (2008), Benveniste (2005), nous reconstituons, à partir de trois concepts-directeurs perception, valeur et symbole, la pertinence et la présence du principe d'immanence dans le faire scientifique de la sémiotique de ligne française. Pour confirmer et valider la présence du principe d'immanence dans la théorie sémiotique à la hauteur de ses développements, nous présentons et comparons deux propositions théoriques: d'une part, l'étude de Fontanille (2004) qui propose une conception du corps dans les études de discours; l'autre, l'étude Zilberberg (2011) soutient qu'une gradation du et dans le sens. Dans l'étude des deux propositions, nous avons observé que le principe d'immanence est soutenue dans l'épistémologie du faire scientifique des deux propositions, même si elles ont tout à fait différents points théoriques par rapport à l'immanence méthodologique. La distinction entre l'immanence méthodologique et l'immanence épistémologique sont prises de la proposition de Beividas (2008): la première, elle joue le rôle de séparer ce qui est de la langue/langage elle-même et ce qui appartient à d'autres domaines de l'humain; la deuxième, elle veille à ce que tous deux appartenant à la langue, comme ce qui a trait à d'autres domaines de la connaissance, et de l'expérience humaine à partager le même espace, l'humanité. Dans nos conclusions, nous comprenons que la façon dont la sémiotique française doit suivre est: l'immanence à la transcendance; parce que l'immanence épistémologique et méthodologique, se bien articulés, à faire la lumière sur les phénomènes qui se répercutent dans la transcendance du sens*

Keywords: *Immanence, Transcendance, Perception, Symbole, Valeur*

Como citar este artigo

Costa, Marcos Rogério Martins. Da imanência à transcendência: reflexões semióticas. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 10, Número 1, São Paulo, Julho de 2014, p. 89-99. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 06/dezembro/2013

Data de sua aprovação: 10/junho/2014
